

Moçambique paralisado, e ao ritmo do panelaço

- O país está parado, mas não em silêncio. Das 21h00 às 22h00 dos dias 15 e 16 de Novembro, o som das paneladas ecoou por todo o território, com destaque para a cidade de Maputo, que já não é mais apenas a cidade das acácias, mas agora também a cidade do panelaço. Este som tem um significado político inegável: um claro e sonoro “vai-te embora”.



Na tradição do sul de Moçambique, bater panelas ao receber visitas é uma mensagem simbólica. É a forma de dizer que não há nada para oferecer e que o visitante deve partir. Esse é o recado político deste panelanço para a Frelimo: “O tempo acabou, está na hora de ir embora.”

O povo está a transmitir esta mensagem do fundo das suas casas, das varandas, das ruas. É o som da liberdade, da esperança por dias melhores e de um país livre da corrupção e da má governação que têm aprisionado o futuro de gerações. É, ao mesmo tempo, uma euforia colectiva e um grito de socorro.

O País Paralisado e a Inércia do Conselho Constitucional

Enquanto as panelas falam alto, o país está completamente paralisado. Todos aguardam uma posição do Conselho Constitucional (CC), que até agora se esconde atrás do silêncio e da falta de um calendário transparente para a proclamação dos resultados eleitorais. Essa ausência de clareza é, por si só, uma manobra política, uma extensão da manipulação eleitoral que descredibiliza as instituições moçambica-

nas.

O CC parece agir conforme o ambiente social, sem qualquer plano ou agenda, permitindo que a Frelimo mantenha a sua postura de evitar diálogo. É uma estratégia para protelar qualquer movimento em direcção à estabilidade e à prosperidade, que já parecem miragens inalcançáveis, dadas as décadas de corrupção e má governação.

A Liderança do “Governo no Exílio”

Neste vazio de liderança, quem tem dado direcções ao povo é Venâncio Mondlane, o candidato presidencial que reclama vitória nas eleições de 9 de Outubro, marcadas por denúncia de fraude, que é, na verdade, a causa do caos profundo em que o país se encontra mergulhado. Contrariando os dados oficiais da Comissão Nacional de Eleições (CNE) que declara vencedores a Frelimo e o seu candidato presidencial, Daniel Chapo, Mondlane, que é suportado pelo partido Povo Optimista para o Desenvolvimento de Moçambique (PODEMOS), diz que ganhou as eleições que entram para a história como as mais fraudulentas desde 1994, quando foram realizadas as eleições instaladoras da democracia. Neste momento,

Mondlane, que se encontra em “parte incerta”, actua como uma espécie de “governo no exílio”, mobilizando cidadãos através de transmissões ao vivo no WhatsApp e Facebook. Por meio dessas plataformas, orientações são disseminadas, moldando a vida pública e política do país.

Nos últimos dias, Maputo ficou literalmente paralisada. De quarta a sexta-feira, instituições do Estado estiveram inactivas ou funcionando à mínima capacidade, enquanto o transporte público parou e os serviços básicos desapareceram. Portos e caminhos de ferro ficaram paralisados ou funcionando a meio gás. A máquina estatal, que já era frágil, mostra-se incapaz de garantir a lei e a ordem, e ao mesmo tempo

recusa-se a dialogar para encontrar uma solução para a crise que assola o país. No lugar do diálogo, usa a força repressiva, enquanto os dirigentes apresentam-se em público com um discurso inflamado, catalogando o povo por “vândalos” e “terroristas urbanos”. Os rostos desses discursos são o ministro do Interior, Pascoal Ronda, e o comandante-geral da Polícia (PRM), Bernardino Rafael, que são, no fundo, aqueles que dão ordens para os agentes da PRM, com destaque para a Unidade de Intervenção Rápida, matarem o povo. Desde o início da greve até sábado, 16 de Novembro, a Polícia tinha matado mais de 60 pessoas, ferido centenas e promovido a detenção de mais de duas mil, parte das quais já em liberdade.

Uma Crise Sem Precedentes

Moçambique está mergulhado na sua maior crise política das últimas décadas. Nunca antes se viveu tamanha paralisia do Estado e da sociedade. A falta de liderança e a recusa ao diálogo por parte da Frelimo colocam o país num impasse profundo, sem caminhos claros para superar esta situação. A Frelimo, enquanto partido que suporta o Governo, tem apresentado uma postura de

quem não tem interesse no diálogo. Esse sinal é emitido por muitos quadros seniores desse partido, sendo de destacar a recente intervenção de Alcinda de Abreu, membro da Comissão Política daquele partido, que no lugar que assumir que o momento negro em que o país se encontra se deve ao desgoverno da Frelimo, inventou teorias de conspiração, que não são novas, que con-

sistem em associar o momento a uma alegada agenda externa para derrubar a Frelimo.

Portanto, o clamor por diálogo é ignorado, enquanto a repressão cresce. As forças de defesa e segurança têm sido usadas para cumprir ordens ilegais, reprimindo e matando cidadãos numa tentativa desesperada de manter o poder e o status quo.

Até Quando?

Estamos diante de um regime que governa de forma autocrática, guiado por interesses próprios e alheio às necessidades do povo. Mas até quando esta gestão autoritária irá persistir? Até quando a Frelimo continuará a fechar as portas ao diálogo e à paz?

O som das panelas é um aviso: o povo acordou e não há repressão que apague o grito de liberdade que já tomou conta das ruas. A história de Moçambique está sendo escrita com o som das paneladas. O mundo está a ouvir. Agora é hora de agir.



Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.

Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.

INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – CENTRO PARA DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: André Mulungo
Autores: CDD
Layout: CDD

Contacto:
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: http://www.cddmoz.org

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

